

A Chama e a Escrita Inflamada de Maria Gabriela Llansol

Luiz Fernando Queiroz Melques*

Resumo: Neste artigo analisaremos a imagem da chama em *O Livro das Comunidades* da escritora portuguesa Maria Gabriela Llansol, atentando à potencialidade criadora dos diferentes usos dessa imagem na construção *em se fazendo* de sua obra. Ao longo de nosso percurso investigativo, evidenciaremos as relações intertextuais com a poesia mística de San Juan de la Cruz e dialogaremos com as ideias sobre a “filosofia da poética” desenvolvidas pelo pensador francês Gaston Bachelard em seu original estudo sobre a chama da vela.

Palavras-chave: Maria Gabriela Llansol, chama, escrita, San Juan de la Cruz, Gaston Bachelard

Abstract: In this article we will analyze the image of the flame in *O Livro das Comunidades* by the Portuguese writer Maria Gabriela Llansol, paying attention to the creative potential of the different uses of this image in continuous construction of her work. Throughout our investigative route, we will highlight the intertextual relations with the mystical poetry of San Juan de la Cruz and we will compare it with ideas about “poetic philosophy” developed by the French philosopher Gaston Bachelard in his original study on candle flame.

Keywords: Maria Gabriela Llansol, flame, writing, San Juan de la Cruz, Gaston Bachelard

* Universidade de São Paulo – USP; Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas – FFLCH; Graduando em Letras (Português/Espanhol) com Iniciação Científica sob orientação da Professora Doutora Lilian Jacoto.

“Sonhando, solitário e ocioso, diante da vela, sabe-se logo
que essa vida que brilha é também uma vida que fala.
Os poetas, ainda aí, vão nos ensinar a escutar.”
(BACHELARD, 2002, p. 46)

Maria Gabriela Llansol (1931-2008) é uma das vozes que ecoam no cenário da literatura portuguesa das últimas décadas. Com uma obra pouco difundida inicialmente, aos poucos a escritora teve sua escrita redescoberta e, nos últimos anos, vem ganhando cada vez mais leitores em Portugal e, principalmente, no Brasil. Uma rede de leitores dispostos a aventurar-se nas linhas de um texto provocante e vivo; leitores que abrem o livro e entram em uma realidade textual cujos referenciais estão sempre em mutação e sentidos em constante reconstrução.

A partir de uma visão performática da linguagem, o texto llansoliano apresenta uma escrita criativa e criadora de novas instâncias do “real”, que só existem ao passo em que se inscrevem em uma página em branco. Sua narrativa evoca a necessidade e a importância do escrever através de cenas que performatizam o gesto nascente da escrita. Para a ambientação de tais cenas, que formam os caminhos múltiplos dessa narrativa, despontam imagens do universo da escrita, como o movimento dos olhos e das mãos, o abrir e o fechar do livro e o acender e o apagar da vela. A inserção de passagens como estas no texto traz à tona um dos processos de construção do próprio livro, problematizando os papéis da escrita e da leitura e, por conseguinte, das figuras do autor e do leitor na construção de sentido do texto literário.

A chama da vela é o pequeno fogo que ilumina o ambiente para que se escreva, no entanto, para além disso, sua presença irradiante desencadeia uma série de relações de sentido que nascem e renascem a cada página do livro. “A chama, dentre os objetos do mundo

que nos fazem sonhar, é um dos maiores operadores de imagens. Ela nos força a imaginar. Diante dela, desde que se sonhe, o que se percebe não é nada, comparado com o que se imagina.” (BACHELARD, 2002, p. 9) Com essas palavras, depreendemos que a chama além de ser uma imagem, nos força a imaginar, ou seja, criar outras imagens, evidenciando-se sua potencialidade criadora para aquele que escreve sob sua luz.

Considerada um grande objeto de admiração pelo filósofo francês Gaston Bachelard, a chama da vela torna-se motivo de um livro seu de reflexões sobre a “filosofia da poética”. Este livro possui o título original *La flamme d’une chandelle* ou, em tradução para o português, *A chama de uma vela* e integra a vertente noturna da obra do filósofo que se volta para questões poéticas e para a imanência dos quatro elementos. Em seu pensamento, a chama é identificada com a figura do “sonhador solitário”, ou seja, o poeta, o escritor, o pensador, o filósofo inflamado pela chama da vela que ilumina sua mesa. A latência desta imagem consiste, entre outras características, em acolher um fogo de morte e vida fáceis que deve lutar para manter-se, conseguindo capturar o olhar do sonhador e levá-lo para além de sua realidade.

Tendo em vista estas ideias, analisaremos excertos de *O Livro das Comunidades*, publicado no ano de 1977. Este livro foi considerado pela autora um “livro-fonte”, ou seja, a partir de sua escrita, surgem uma série de figuras, imagens e procedimentos que retornarão de diversos modos nos livros posteriores de sua obra até sua última publicação em 2007, *Os Cantores de Leitura*. Esse novo paradigma implica em uma concepção de “Livro único” composto pelos vários “livros”, indicando um *working progress*, uma continuidade em seu processo de escrita.

Além de ser o primeiro livro dessa nova fase da obra de Llansol, *O Livro das Comunidades* é o primeiro de uma trilogia intitulada *Geo-*

grafia de Rebeldes. Nessa série, a autora convoca para o seu texto figuras históricas, cujos pensamentos foram incompreendidos em suas respectivas épocas e, portanto, deixados à margem de um discurso oficial da história. Para a afirmação de um projeto de reconsideração de discursos heterodoxos, a escrita de Llansol constitui-se como o espaço que permite o encontro dessas diferentes vozes, sugerindo uma versão alternativa da história.

Da presença dos rebeldes em seu texto, destaca-se a figura de São João da Cruz, um frade espanhol que teve seu ímpeto reformador abafado pelo obscurantismo do século XVI, pois expunha as fragilidades da Instituição Católica. Em seu percurso, o religioso escreveu poemas sobre a vida mística, entre os quais, a “Chama de Amor Viva”, uma alegoria sobre o êxtase que retoma a imagem da chama sob uma perspectiva hermenêutica. Com a leitura do livro, percebe-se que São João da Cruz é apropriado pelo texto llansoliano enquanto rebelde, místico e poeta. Sua vida e obra são incorporadas, fazendo dele não apenas uma personagem do livro, mas um “actor da palavra” (LLANSOL, 1977, p. 20) vinculado a um processo de escrita partilhada, que pretende desalojar a centralidade da função autoral.

Enquanto esperava, João, sempre no centro da obscuridade, sentou-se, e teve o sonho de que, adormecido, percorria simultaneamente os três caminhos: a via do rio, a via dos pinheiros e a iluminação da vela.

(LLANSOL, 1977, p. 30)

A experiência mística busca o encontro entre a alma e Deus caracterizado pelo êxtase. Para alcançar esta união, o fiel deve seguir um longo percurso de despojamento dos apetites materiais que é retratado como a passagem das três vias da mística, ideal difundido na Península Ibérica e, particularmente, na obra de São João da Cruz. Identificamos, neste excerto, uma analogia entre os três caminhos e as três vias místicas. Com a referência à “iluminação da vela”, remetemos

ao princípio da via iluminativa que consiste na luz interior divina que guia a alma pela temida escuridão da noite na direção do sublime encontro extático. Este princípio é transfigurado para o momento de escrita de um livro, que é sempre um tortuoso percurso que conta com o acompanhamento da luz irradiante da chama da vela para inflamar o escritor e iluminar as páginas do seu livro.

Para mais um passo em nossa trajetória por um universo de textualidade nascente, destacamos o seguinte excerto:

Concentrou-se então sobre a escrita e, de repente, no alto da página, e esgaravando com os dedos, encontrou um fósforo com que acendeu a vela de um oratório, uma mesa e algumas imagens abandonadas: passava ali algumas horas, ora numa intensa, ora numa vaga sensação de escrita (...)

(LLANSOL, 1977, p. 19)

Este é um exemplo da anunciada performatização da cena de escrita, cujos elementos nos levam a depreender uma forma de ritualística esclarecida. Um gesto da escritora que, ao contrário do que possa parecer à primeira vista, vai no sentido contrário de sacralizar a “literatura”, para poder trazer à realidade textual o mais significativo e próximo de sua prática. Como escritora consciente de sua atividade, Llansol busca apresentar mecanismos da criação textual, dirigindo seu foco não apenas ao sentido do que se escreve, mas também ao próprio trabalho de escrever. Aqui é a escrita criadora que lhe permite pegar o fósforo e acender a vela do oratório, lugar descrito na página anterior como “a grande entrada para o jardim”, ambiente propiciador para a criação. O ato de acender conduz a uma “sensação de escrita” que concebemos como um momento privilegiado *a priori* só de acesso ao escritor, mas que através deste gesto pode aproximar-se do leitor também.

De modo semelhante, lemos: “Acende-se a luz na gaiola dos passáros e distingo sobre a sua mesa de trabalho o meu livro aberto,

sublinhado no início da Viva Chama, com a sua mão nele abandonada.” (LLANSOL, 1977, p. 21) A iluminação permite a escrita, mas também permite a leitura. Llansol também se coloca como leitora e neste índice de relação intertextual com São João da Cruz, ultrapassa simples referências ou citações, atentando à dinâmica do livro, que aqui aparece “materialmente” aberto sobre a mesa. Para Bachelard, “Sobre a mesa do filósofo, ao lado dos objetos prisioneiros em suas formas, ao lado dos livros que instruíam lentamente, a chama da vela chamava pensamentos sem medida, suscitava imagens sem limite”. (BACHELARD, 2002, p. 26) Na singularidade de cada elemento da mesa, a presença da chama e do livro é que vai propiciar a transcendência dos limites físicos deste ambiente. A leitura do livro traz as ideias e a chama as inflama. Os efeitos das fantasias na sensação da escrita podem ser vistos no decorrer do espaço textual:

O tampo da mesa era rectangular amarelo, a cor predominante do ar de Fontiveros e, feito água, converteu-se, na segunda camada, em espelho; perpassado um vento como o do rio, levantou-se uma onda, nela se acendeu a vela (extinguiu-se a lâmpada da sala, desapareceu a luz do dia): à luz da vela, o nosso rosto e as nossas caligrafias entrelaçaram-se; pousam na sombra, as nossas mãos esquerdas de Ana de Peñalosa recuados e substituem as páginas iguais; a segunda camada quebrada, apareceram ambos em posição fetal, a boca suja do leite das palavras; subidos no ar, apagou-se a vela, extinguiu-se a lâmpada da sala, desapareceu a luz do dia.

(LLANSOL, 1977, p. 24)

Nesta passagem, Ana de Peñalosa, figura textual e histórica, (re)escreve o nascimento e a história de João da Cruz sobre a mesa de tampo amarelo que possui a cor do ar da cidade espanhola onde o poeta nasceu. Interseccionando os diferentes planos da escrita, as caligrafias de Ana de Peñalosa e São João da Cruz unem-se para

escrever o livro. Esta rica dinâmica intertextual que aparece no texto llansoliano é elucidada pela escritora como um método de “sobreimpressão”. Em algumas passagens de *O Livro das Comunidades* percebemos trechos que expressam o modo de funcionamento deste método, como, por exemplo: “Esta sobreposição textual tem por fonte os olhos, parece-me que um fino pano flutua entre os olhos e a mão a acaba cobrindo com uma rede, uma nuvem, o já escrito” (LLANSOL, 1977, p. 25). Neste momento, a distância temporal entre “já escrito” e “escrevendo” de alguma forma se anula, permitindo que na simultaneidade das escritas, os dois universos textuais se tangenciem e se encontrem, entre olhos e mãos, entre releituras e reescritas.

No pensamento de Bachelard, a admiração inata pela chama conecta os pensadores inflamados, “o sonhador da vela se comunica com os grandes sonhadores da vida anterior, com a grande reserva da vida solitária”. (BACHELARD, 2002, p. 43) A cena anterior demonstra um movimento de contato entre as escritas iluminadas. Temos acesso ao nascer da escrita que relata o nascimento de João da Cruz e cria um laço de filiação entre as duas figuras, marcado, entre outras imagens pelo “leite das palavras”, uma analogia ao leite materno, alimento primeiro e nutritivo da vida humana.

A cena de nascimento é ambígua, de São João da Cruz e da escrita. Uma “genologia” ou origem constante do discurso instaura-se, e o espelho, ou “segunda camada”, quebra-se. A instância especular é a que dá a ilusão de representação fidedigna da realidade à ficção, isto é, uma perspectiva não compatível com a revelação e incorporação dos procedimentos textuais que desarmam tal fingimento. Portanto, o espelho deve ser quebrado e sua moldura ser revelada, em um movimento crítico e raro que logo entra em suspensão com o apagar da vela.

São João da Cruz olhou a vela como a perguntar-lhe o que, a seguir, iria escrever: o pavio não estava ao centro da chama

e a cera, luzente na base, lembrou-lhe o esperma depositado no ventre da mãe, sua mãe do livro; havia duas velas mais baixas encostadas à vela acesa e o livro aberto apresentava as páginas ligadas por um sulco.

(LLANSOL, 1977, p. 28)

A vela é o “astro da página em branco” (BACHELARD, 2002, p. 20), o olhar pousado sobre o livro levanta-se e indaga à réstia de luz a continuação de seu trabalho. Em tais cenas, a presença desta imagem é significativa de uma fecundidade genológica. O esperma é um dos desdobramentos do “leite das palavras” e a cera luzente é o resultado do processo da queima, podendo ser entendida como uma resposta à indagação do poeta. O esperma junto do ventre implica em uma gestação, que é a gestação da escrita do aqui-agora e do livro que está sendo escrito, o das Comunidades.

A figura de Ana de Peñalosa assume uma posição materna, ela é a “mãe do livro” e também a mãe de São João da Cruz. Deste modo, seus “filhos” percorrem caminhos simultâneos que sempre se entrecruzam. Ressaltamos ainda, a reinterpretação dada por Llansol à relação entre essas figuras, pois, historicamente, Ana de Peñalosa foi uma senhora com certa influência na região de Granada que ajudara na manutenção dos ameaçados conventos da ordem fundada pelo religioso, a carmelita reformada. Por sua vez, João redigiu comentários explicativos sobre o poema “Chama de Amor Viva”, a pedido de Ana, constituindo mais um elo na rede de conexões textuais que estamos traçando.

A Viva Chama não foi escrita a frio, diz o Prólogo. Se as palavras têm um sentido: ultrapassa tudo o que se poderia conceber e estilhaça aquilo em que quereríamos encerrar.

(LLANSOL, 1977, p. 29)

A poesia mística de São João da Cruz apresenta uma intensa corporalidade na relação entre amada (alma) e Amado (Deus). Esta carga sensorial foi retomada do *Cântico dos Cânticos*, texto construído a partir de uma visão antropológica hebraica, na qual o corpo ainda não era morada do pecado. À primeira vista, o leitor pode deparar com poemas de tom erótico, no entanto, deve possuir algumas chaves de decodificação para encontrar o nível místico da composição.

Preocupado com leituras profanas de sua obra, São João da Cruz redigiu comentários a seus poemas, buscando explicar as imagens poéticas utilizadas, mesmo que omita alguns versos mais polêmicos de sua interpretação. No Prólogo ao comentário de “Chama de Amor Viva” dedicado a Ana de Peñalosa, o poeta comenta a dificuldade de sua tarefa, que é a grande problemática da poesia mística. Expressar em palavras uma experiência inefável, como o êxtase.

¡Oh llama de amor viva,
que tiernamente hieres
de mi alma en el más profundo centro!
Pues ya no eres esquiva,
acaba ya, si quieres;
¡rompe la tela de este dulce encuentro!

...

A chama no poema tem a função estética da luz como “fonte de beleza e manifestação sensível do suprassensível” (JIMÉNEZ, 1995, p. 297), e é uma alegoria da união entre Amado e amada que, para o poeta, é o “mais perfeito grau de perfeição a que nesta vida se pode chegar” (CRUZ, 1986, p. 836). O êxtase é o “incendido grau de alma” e a imagem da chama é comentada por analogia com a consubstanciação da madeira e o fogo que a queima. Sendo assim, a escrita do poema não pode ter sido a frio, pois esta encerraria os

sentidos sem nenhum envolvimento entre as imagens poéticas. A escrita que tenta reconstituir uma experiência tão intensa deve ser inflamada e, portanto, ultrapassar qualquer sentido que se queira estabelecer como único ou verdadeiro.

Relendo o texto sob essa perspectiva, podemos dizer que Llansol conquista seu espaço enquanto leitora no texto *a priori* hermenêutico do poeta místico. Sua reescrita constante sempre gera novos sentidos e estabelece relações antes inimagináveis. Afinal de contas, “se a vela ilumina o velho livro que fala da chama, a ambiguidade dos pensamentos e das fantasias é extrema” (BACHELARD, 2002, p. 36)

Enquanto cozinhava o jantar, meditava que visonava uma escrita viva que poderia tomar por um encontro.

A meditar, justificava o seu desejo de solidão

a solidão não é mais do que salvaguarda da escrita quando o desejo se apresenta.

A solidão é a defesa do texto.

Sentada solitariamente diante de Nietzsche, observava-o, e à noite: “É noite, a hora em que falam mais alto todas as nascentes que jorram.

É noite: a hora em que despertam todos os cantos daqueles que amam.

Mas estar envolvido pela luz é a minha solidão.

Mas vivo na minha própria luz, bebo as chamas que se escapam de mim (LLANSOL, 1977, p. 70)

A partir da proximidade do fogo do cozimento, transformador do “cru” em “cozido”, desencadeiam-se ideias sobre a solidão e sua relação com a escrita. Com estas considerações podemos confirmar a confluência entre a figura do sonhador solitário que admira a chama e a escrita do texto llansoliano. O encontro pretendido pela autora,

além de unir os rebeldes, busca unir os solitários da vela, o escritor e o leitor inflamado, antes isolados em seu momento de contato com o texto. Com foco neste encontro é que indicamos uma das possíveis acepções da intitulada “comunidade”.

As considerações feitas neste texto são apenas os primeiros passos de um grande percurso pela textualidade llansoliana. São várias as intensidades que a imagem da chama pode assumir em um texto literário, e Llansol as explorará, a seu modo, nos seus livros. De *O Livro das Comunidades* até as últimas publicações, a escrita inflama-se cada vez mais e deixamos a sugestão ao leitor para continuar sua trilha pelas ressignificações que as comunidades podem oferecer.

Referências

BACHELARD, Gaston. *A chama de uma vela*. Tradução de Glória Carvalho Lins. Rio de Janeiro: Bertand Brasil, 2002.

CRUZ, San Juan de la. *Poesía*. Ed. de Domingo Ynduráin, Madrid: Cátedra, 1988.

CRUZ, São João da. *Obras Completas*. Oeiras: Edições Carmelo, 1986.

JIMÉNEZ, José. “Luz y transfiguración”. In: VALENTE, José Angel; GARRIDO, José Lara. (org.). *Hermenéutica y mística en San Juan de la Cruz*. Madrid: Tecnos, 1995.

LLANSOL, Maria Gabriela. *O Livro das Comunidades*. Porto: Afrontamento, 1977.